

## **Comunicação e Educação na (Re)Construção Imagética de um Nordeste Plural<sup>1</sup>**

Antonia Nilene Portela de SOUSA<sup>2</sup>

Deborah Susane Sampaio Sousa LIMA<sup>3</sup>

João Eudes Portela de SOUSA<sup>4</sup>

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE

### **RESUMO**

A pesquisa aborda como a construção imagética do Nordeste contribui para o estabelecimento de estereótipos fortalecidos no meio social pelos elementos apresentados nas narrativas audiovisuais e o papel educativo da escola nos processos de (re)construção desses estigmas. São analisados fatores históricos da constituição desses discursos, no Brasil, considerando as formas caricatas e a propagação simbólica acerca da nordestinidade, observando como o sistema representacional simbólico – que vai além das divisões geográficas – apresenta raízes anacrônicas. Assim, a pesquisa traz reflexões sobre como os espaços educativos podem ser apropriar dessas produções a fim de (re)apresentar o Nordeste como espaço múltiplo e plural, em prol de uma compreensão holística dos sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** produções audiovisuais; representações; Nordeste; identidade; educação.

### **INTRODUÇÃO**

O olhar sobre o Nordeste padece de (re)leituras sobre as representações estabelecidas diante de relações de poder inseridas no universo social, cultural e educacional. Assim, os conceitos sobre nação e região são compreendidos a partir de denominações revestidas de conceitos prévios sobre a formação das identidades de um povo. Nesse sentido, o ambiente educacional encontra no meio audiovisual ambiente propício para análises e orientações a sobre esses enlaces.

Sabendo-se que nenhuma cultura é uma nem mesmo apartada das outras, é possível dizer que ela se forma dentro de um complexo e derivado arcabouço de identidades

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Docente efetiva da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pedagoga e mestra em Gestão Educacional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [nileneportela@yahoo.com.br](mailto:nileneportela@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutoranda e mestra em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Jornalista do Instituto Federal do Ceará (IFCE). E-mail: [dsusane@gmail.com](mailto:dsusane@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutorando e mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Docente efetivo do Instituto Federal do Ceará (IFCE). E-mail: [jooportelas@gmail.com](mailto:jooportelas@gmail.com).

sociais. Logo, compreender essa lógica é algo denso e complexo, de tal modo que falar em região como modo de delimitar um povo é analisar diversos fatores, para além tão somente das questões geográficas.

Portanto, para se abordar a região Nordeste como referência de um povo, é preciso ter cuidado para não ancorar os fundamentos condutores dessas definições em perspectivas meramente espaciais. Albuquerque Junior (2011)<sup>5</sup> trata a respeito das sinuosidades que envolvem a formação dessas significações, incluindo fatores políticos e econômicos.

A noção de região, antes de remeter à geografia remete uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente as relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. Ela remete, em última instância, a regio (*rei*). Ela nos põe diante de uma política de saber, de um recorte espacial das relações de poder. Pode-se dizer que ela é um ponto de concentração de relações que procuram traçar uma linha divisória entre elas e o vasto campo do diagrama de forças operantes num dado espaço. [...] A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim, a região é o botim de uma guerra. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 36, grifos originais)

Na perspectiva de Albuquerque Junior (2011), a região do Nordeste brasileiro é descrita por como sendo uma “invenção política”, com o intuito de dividir e definir fronteiras, separando cada uma delas em denominações específicas, diante de um recorte feito na geografia do país que pode ser atribuído a interesses econômicos, sociais e políticos.

Até os primeiros anos do século XX, o Nordeste, tal como enxergado hoje, sequer existia, pelo que havia um Brasil dividido em apenas duas regiões: Norte e Sul. Somente entre a década de 1920 e 1930 que se começou a utilizar o termo Nordeste para definir a região que antes fazia parte do eixo Norte do país, tanto nos sentidos historiográficos quanto geográficos.

---

<sup>5</sup> Albuquerque Junior é pesquisador reconhecido da cultura nordestina, na atualidade, com diversas publicações abordando a temática, nas quais analisa, de forma teórica, como são estabelecidos simbolicamente os conceitos prévios sobre o Nordeste e como as relações entre sujeitos dominantes e sujeitos dominados contribuem para tal condição.

---

No século 19, a Geografia nasce no Brasil vinculada à História e tem como função desenvolver o conhecimento sistemático sobre o território, para estabelecer as bases da construção da nacionalidade. No início do século 20, a primeira divisão regional do Brasil toma por base as diferenças naturais. Mais do que uma tradição naturalista da Geografia nesse período, parece que os olhos dos brasileiros responsáveis pelo “desenho” do território nacional só são capazes de perceber as diferenças das paisagens desenhadas pela natureza. Reconhecer outras diferenças significaria abalar o mito consagrado da unidade territorial como suporte da unidade política e da coesão social do nacionalismo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 39)

Portanto, esse espaço geográfico intitulado de Nordeste – de múltiplas e marcantes características – tomou forma associado à região dominada pelo clima seco, de solo rachado e de vegetação comprometida. Razão pela qual iniciou-se uma busca por auxílios governamentais, inclusive mediante apoio de institutos de obras contra a seca, tanto das esferas federais quanto estaduais.

De fato, à época, a necessidade emergida de definição de um formato específico para delimitar estruturalmente a região configurava uma alternativa para se buscar objetivamente políticas públicas em torno dos problemas que dificultavam a vida das comunidades locais. Com isso, passou-se a utilizar o termo Nordeste para se referir a essa região do país.

O Nordeste é pesquisado, ensinado, administrado e pronunciado de certos modos a não romper com o feixe imagético e discursivo que o sustenta, realimentando o poder das forças que o introduziu na cultura brasileira. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 40)

Com os desdobramentos das definições acerca do Nordeste brasileiro e as consequentes militâncias em torno dessa região, em meados da década de 1920, surgiu um movimento encabeçado pelo estudioso (Gilberto Freire) – de naturalidade nordestina – conhecido como Movimento Regionalista e Tradicionalista, tendo sido peça importante na formação do Centro Regionalista do Nordeste.

O movimento teve relevante importância na difusão das manifestações culturais da região, sendo espaço inovador na busca pela valorização das tradições nordestinas, criado sob a proposta do fortalecimento da memória coletiva e da identidade regionalista. Para além da seca, esse cenário fomentou as discussões históricas e sociais da representatividade do Nordeste para o Brasil.

---

Diante de uma história de luta em prol da preservação da identidade de um povo, a apropriação dos veículos de comunicação pelos públicos – em especial por meio dos recursos audiovisuais da contemporaneidade – traz questionamentos acerca da noção de realidade e de permanência dos conceitos que são disseminados em sociedade.

Desse modo, esta pesquisa busca compreender em que medida a educação pode contribuir para intensificar ou desmistificar as construções históricas e sociais a respeito do Nordeste, se valendo de análises críticas sobre produtos audiovisuais em ambientes de ensino. A pesquisa traz portanto reflexões e provocações sobre como os ambientes educacionais podem se valer de elementos do audiovisual para apresentar os diversos olhares sobre os contextos históricos que formam a imagem e a identidade de um povo, em especial o Nordeste.

### **Contextualizando o Nordeste**

A simbologia que permeia o imaginário dos sujeitos sobre o Nordeste, em torno do sertão e do sofrimento, é parte de um universo de construções representativas influenciadas historicamente por elementos como literatura, canções e teledramaturgia. Por meio dos produtos audiovisuais, estigmas em torno do “ser nordestino” foram particularmente fortalecidos com o movimento chamado Cinema de Retomada, momento de grande relevância para o cinema nacional.

Essas representações do Nordeste já vinham sendo exploradas pelo Cinema Novo, pelo que os primeiros filmes traziam personagens nordestinos nas conhecidas chanchadas (gênero popular de humor ingênuo), colocando-os dentro de formatos alegóricos, exóticos e estereotipados. Eram retirantes de capacidade cognitiva comprometida, em paus-de-arara e ao estilo cangaceiro – figuras rotuladas de caipiras do agreste.

Assim, das características disseminadas, a construção de um Nordeste específico nos cinemas esteve bastante vinculada ao ambiente do sertão, configurado como:

Região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas; terreno coberto de mato, afastado do litoral; a terra e a povoação do interior; o interior do país; toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que é a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos. (HOUAISS, 2009, p. 1737)

Representações em torno desse formato tomaram corpo e se estenderam das telas do cinema para a teledramaturgia brasileira. Assim, as narrativas televisivas – de significativa audiência e apelo popular – perpetuaram essa visão de um universo atrasado, de subcultura, habitado por sujeitos carentes de instrução, fato que vai de encontro ao apregoado por Bhabha (2013): “a representação da diferença não pode ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 2013, p. 21).

Diante desse modelo da linguagem do cinema e da teledramaturgia, houve um enraizamento do imaginário coletivo a respeito do sujeito do Nordeste. A diversidade de contextos sociais desaparece mesmo em meio a um universo significativo de personagens. Um legado que não demonstra os modos de vida, os diversos lugares, a vasta geografia nordestina, ainda carente de ser explorada e (re)apresentada aos públicos.

Não tendo uma produção imagética capaz de se auto-referenciar, o cinema recorrerá a imagens e enunciados cristalizados sobre o país, sobretudo pelo romance, para produzir o efeito de verossimilhança desejado, para que o público tenha referências anteriores e possa identificar de que realidade o filme está falando. Os filmes com temática nordestina, por exemplo, quando não são adaptações para o cinema de romances produzidos pela geração de trinta, buscarão nestes romances suas imagens e enunciados mais consagrados, com exceção apenas da produção de Glauber Rocha e outros filmes isolados do Cinema Novo, que procurarão criar uma imagem própria para esta região do Brasil. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 297)

Observe-se que as identidades regionais são construídas por representações e simbologias operadas em determinados meios. Assim, a identidade cultural de um povo resulta de discursos e construções de sentidos revelados socialmente, de modo que o “Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 343).

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 307)

Quando se definem os povos por critérios de regionalidade, falam-se em brasileiros, em nordestinos, em piauienses etc. Essas categorizações são simbologias postas com o intuito de relevar a identidade de um grupo, ainda que não seja algo definitivo, vez que não incorpora a carga genética dos sujeitos. Todavia, comumente incorporam-se tais características à personalidade, como modo de definir a natureza desses agrupamentos.

Albuquerque Júnior (2011) incita a desconstrução desses estereótipos na obra *A Invenção do Nordeste*, em que apresenta argumentos para a abstração da imagem dos nordestinos do campo do natural, fixo e imutável, mostrando suas características múltiplas e as perspectivas dos vários Nordeste, a partir uma ótica da diversidade dos sujeitos.

O autor busca romper com a imagem dos nordestinos pasteurizados, ou seja, homogêneos, de características e personalidades similares tão somente pelo fato de fazerem parte de uma mesma região do país. Para tanto, incentiva a se pensar um Nordeste diferente do solidificado especialmente pelos veículos audiovisuais (detentores do poder de multiplicação de informações em grande escala).

Pensar o Nordeste a partir do prisma contemporâneo das inevitáveis conexões com o mundo, desconstruindo um conceito sedimentando no reforço às tradições que consolidam o pensamento dominante e dominador é, no mínimo, falar do cotidiano e das relações que se estabelecem através das “integrações”, conceito chave para a sociedade moderna. (QUEIROZ, 2012, p. 6)

Notadamente, as representações se fortalecem no processo de sedução do espectador, habitando o imaginário social com a apropriação de narrativas que constroem estereótipos a partir da ótica dos entes codificadores (produtores de conteúdos). Aos decodificadores (públicos), a mensagem é enviada dentro de formatos e técnicas que conduzem suas percepções sobre o que é apresentado.

[...] as diversas formas de comunicação, cinema, literatura, teatro, pintura, música, produção acadêmica, poesia são exemplos de linguagens que não apenas representam o real, como instituem o mesmo. Enquanto alguns propuseram fórmulas de alterações das realidades sócio-ambientais nordestinas, para resgatá-las de certa condição de atraso ou subdesenvolvimento, outros cantavam a tristeza da seca e suas conseqüências, como a partida dessa região sofrida. (MARTINELLO, 2011, p. 214)

Considerando que o Nordeste é composto de nove estados, com suas múltiplas particularidades – incluindo a infinidade de sotaques presentes um mesmo domínio – é

imprescindível discutir os modos como suas representações vêm sendo estabelecidas. Os usos de modelos e arquétipos<sup>6</sup> que delimitam o “ser nordestino” parece ainda perpetuar a imagem de clássicos, como os apresentados por Euclides da Cunha (1973), na obra *Os Sertões*:

É o homem permanentemente fatigado. [...] Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 1973, p. 128-129)

Seja no teatro, cinema, literatura, televisão, música ou em outros gêneros narrativos, a construção da imagem que permeia o universo social – a produção de sentidos – tem influência direta nas visões de mundo que incorporam a cultura. Nesse sentido, é importante ater-se para que o Nordeste (bastante associado à identidade de ambiente comprometido no que diz respeito à diversidade) deve ser ressignificado, com vistas à interrupção de fluxos impositivos e reiterados de imagens padronizadas de seus povos.

### **(Re)Configurando o Nordeste**

Historicamente, a formação do Nordeste como região específica tem origem nas necessidades de angariar políticas públicas voltadas para a região. Entretanto, as representações sobre as regiões brasileiras devem ser observadas diante de uma perspectiva complexa: deve ser estudada como um sistema que vai além das divisões geográfica e econômica que encaixam esses lugares em denominações específicas.

Nessa perspectiva, é imprescindível a contribuição da escola na análise de produtos audiovisuais como materiais pedagógicos, vez que estes retratam a identidade

---

<sup>6</sup> O termo alude a algo que se estabelece no imaginário coletivo, sendo construído por um conjunto de imagens predominantes, vez que são repassadas ao longo do tempo e armazenadas socialmente como apresentadas reiteradamente.

---

imagética da compreensão sobre o Nordeste a partir da ótica do que é valorada pelo senso comum. Portanto, a inserção desses produtos no ambiente educacional pode elevar discussões sobre o que “se vê” e o que “realmente é” a região Nordeste.

As narrativas dos filmes possibilitam: situar os fatos na época em que ocorreram; reconstruir a realidade histórico-social, suas estruturas, como uma totalidade em constante mudança; e entender o enfoque teórico que orientou a reconstituição do passado e o significado da narrativa para a compreensão do mundo atual, o passado como parte do presente, na perspectiva passado-presente. (OSTERMANN, 2006, p. 11)

Os estudos do Albuquerque Júnior (2011) possibilitam compreender a formação do Nordeste como um “lugar criado”, ou seja, como uma invenção político-social, a fim de prover delimitações objetivas dos espaços.

O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir deste fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35)

De fato, as regiões não nascem prontas, não sendo portanto previamente estabelecidas, sequer permanecendo imutáveis às definições que lhes são postas. Logo, as relações constituídas nesses territórios – ditos e caracterizados a partir das supostas diferenças entre uns e outros – se constroem diante do diagnóstico de suas diversidades, quem sejam sociais, econômicas ou culturais.

Assim, o enquadramento de um território e conseqüentemente de um povo a partir de sua limitação geográfica – como comumente incide sobre os produtos audiovisuais, a exemplo de novelas que representam o sujeito nordestino – trazem uma falsa apresentação e homogenizam os atributos e as qualidades dos que dela fazem parte.

Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 38)

As “falsas realidades” são fortemente reafirmadas pelos produtos audiovisuais. Logo, para se compreender melhor as relações que envolvem os entes de cada região, é

preciso apartar-se desse olhar previamente estabelecido sobre as práticas e os comportamentos dos povos, vez que a influência das mídias sobre o olhar “do outro” tende a corromper e a conduzir as percepções mediante uma experiência mediada.

A construção imagética do Nordeste nas narrativas audiovisuais acaba por camuflar a verdadeira identidade de um povo, considerando que as barreiras geográficas estabelecidas sobre a região definem perfis e papéis sociais homogêneos, sem considerar a multiplicidade cultural. Os meandros históricos, como apresentado anteriormente, demonstram a existência dos vários interesses que conduzem as definições de cada região.

É nesse diapasão que insurgem as visões pré-conceituadas, exatamente com o estabelecimento de estereótipos sobre o “ser nordestino”, baseados em traduções que, por vezes, divergem das realidades locais e regionais, também dos seus costumes e hábitos e dos seus processos de formação e de inserção na história, sendo o audiovisual um mecanismo para fortalecer esses estigmas.

Por isso, usar esses recursos como objetos didáticos, é imprescindível para contribuir para as discussões e as análises sobre as abordagens “do outro”, propondo um olhar crítico dos modos de se enxergar e propagar as diferenças. É preciso “[...] vê-lo como um objeto cultural, uma visão de mundo de diferentes diretores e que têm uma linguagem que performa uma inteligência verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem diferente da linguagem verbal.” (ALMEIDA, 1994, p. 8).

Portanto, tendo em vista que os discursos narrativos nessas produções são sempre mediados, ou seja, estão fincados sob a ótica de um autor ou diretor a partir de suas experiências, a interpretação desses objetos em sala de aula traz reflexões acerca da construção imagética dos sujeitos em uma sociedade, tendo como pressuposto que a codificação empreendida no audiovisual pode influenciar a decodificação dos elementos em tela pelos públicos.

Isso posto e considerando que os ritos de produção e de recepção dos objetos comunicacionais não seguem uma linearidade predeterminada, pode-se dizer que a troca de mensagens entre emissores e receptores, apesar de planejada, traz desdobramentos em seus resultados. Por trás de cada elemento audiovisual, há contextos em que foram envolvidos e analisá-los contribui para a compreensão acerca dos aspectos histórico-sociais da realidade.

Considere-se, inicialmente, que os objetos das práticas comunicacionais são compostos por "significados e mensagens, sob a forma de signos-veículo de um tipo

específico, organizados, como qualquer forma de comunicação ou linguagem, pela operação de códigos dentro da corrente sintagmática de um discurso" (HALL, 2003, p. 387-388).

Do exposto, nota-se que os ritos de produção e de circulação das informações são enraizados por simbolismos no meio audiovisual – ou seja, pela formação dos sentidos – que precisam ser discutidos, especialmente nas escolas, dado o fato de serem ambientes propícios ao desenvolvimento intelectual e social dos cidadãos. A importância do envolvimento com o imaginário dos alunos, muito embora não seja competência absoluta dessas entidades, é fundamental para o distanciamento de visões estereotipadas de mundo.

Os aparatos, relações e práticas de produção, aparecem, assim, num certo momento (o nome da 'produção/circulação'), sob a forma de veículos simbólicos constituídos dentro de regras de 'linguagem'. É nessa forma discursiva que a circulação do 'produto' se realiza. [...] Mas é sob a forma *discursiva* que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum 'sentido' é apreendido, não pode haver 'consumo'. Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito (HALL, 2003, p. 388, grifo original).

Contudo, o conjunto que se constrói dentro dessa variedade de atividades é o que revela o que se compreende por identidade social, ou seja, a identidade de um lugar, ou de um determinado povo. A reincidência da apresentação do “ser nordestino” como sujeito de um só corpo, homogêneo e sem peculiaridades é prática notadamente aplicada nos cinemas e nas televisões brasileiras, produzindo um só Nordeste, distanciando os públicos dos “vários Nordestes” que efetivamente existem.

[...] como a produção deste lugar e de seus habitantes não pode ser explicada se nos colocamos apenas numa perspectiva econômica ou política. [...] da produção histórica de um espaço social e afetivo, ao longo de muitas décadas, a partir de diferentes discursivas que lhe atribuírem determinadas características físicas e o que investiram de inúmeros atributos morais, culturais, simbólicos, sexualizantes, às vezes enervantes. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 14)

Conhecer os verdadeiros Nordestes (plural) é papel integrador dos sujeitos em sociedade, vez que são personagens múltiplos da história e das memórias do Brasil. Portanto, cabe à escola dissecar o que são as representações colocadas nos meios

---

audiovisuais. “É mister reconhecer que a análise de filmes pode ter um desdobramento para a própria teoria educacional à medida que sugere eixos constitutivos de uma educação dos sentidos”. (LOUREIRO, 2006, p.14).

Ao invés do nordestino humilde, com fala cantante e retirante em busca de oportunidades nas cidades grandes, existem nordestinos fortes, intelectuais generosos e empreendedores vorazes que contribuem para o desenvolvimento de uma nação que precisam ser enxergados como realmente são. O levantamento dessas discussões na escola dá sentido à proposta da formação holística, moral e cidadã às salas de aulas, desconstruindo esses estigmas.

A identidade regional una e imutável dos nordestinos é argumento presente nas produções simbólicas que solidificam o imaginário brasileiro, por vezes, sem considerar as novas identidades desses povos. Ao contrário, em frequente (re)construção no campo da representação, esses sujeitos se mostram heterogêneos, cheios de subjetividades, com características e identidades múltiplas.

Albuquerque Júnior (2015, *on-line*) reforça que a imagem dos nordestinos apreendida socialmente é deslocada da realidade e, como advém da visão de terceiros que não vivenciam suas práticas culturais, padece de critérios de verossimilhança. Logo, a noção que se tem sobre esses povos “é uma voz arrogante que se dá o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, *on-line*).

O pesquisador completa que o “estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, *on-line*), o que dificulta ainda a chance de se falar “do outro” com propriedade e veracidade. Ora, apesar de parecer fácil abordar a temática da regionalidade a partir das noções de senso comum e de geografia, isso envolve complexas estruturas histórico-socio-culturais, muitas vezes já corrompidas por imagens solidificadas pelos veículos de comunicação.

Neste paradigma, cabe à escola buscar reordenar as estruturas ideológicas a respeito das regiões que envolvem o Brasil plural e o Nordeste compreendido por seus diversos estados, seus diferentes sotaques e suas variadas culturas, cuja amplitude vai muito além do que as delimitações espaciais estabelecidas e apresentadas reiteradamente nos produtos audiovisuais.

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da

---

lava da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79)

Resta evidente que as regiões não são apenas entidades políticas, mas também produtoras de sentidos e de significados dentro de um sistema de representações culturais. Sendo assim, os sujeitos nordestinos, ao mesmo tempo que fazem parte das sociedades como cidadãos, inserem-se nas manifestações e nas representações das diversas culturas brasileiras – notadamente ricas e diversificadas – precisando ser discutidas e lembradas como modo de instruir a respeito dessas diferenças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Nordeste concebido no meio audiovisual brasileiro pode ser visto como fruto de construções simbólicas resultantes de processos histórico-sociais experimentados ao longo dos anos. Notadamente, a constituição da identidade regional desse povo é parte das interferências das relações de poder travadas, entre outras questões, por meandros políticos e geográficos, o que impacta no processo de representação estabelecido nos produtos audiovisuais.

A padronização de um Nordeste pode ser medida pelas narrativas em torno dos personagens regionalistas que dão lugar a perfis já enquadrados em determinados modelos. No campo do cinema, por exemplo, frequentemente tem-se a identificação de um espaço geográfico limitado pela miséria, com predominância da seca e carente de desenvolvimento. Na teledramaturgia, os sujeitos nordestinos são recorrentemente personificados como retirantes, ou de pouca escolaridade ou, ainda, detentores de empregos secundários.

Ocorre que compreender o “ser nordestino” sob uma perspectiva determinista – na qual o lugar determina a identidade do sujeito – sugere um afastamento do universo que envolve esses personagens, contribuindo para a propagação de estereótipos. Isso desloca os elementos do audiovisual da realidade, vez que não considera as multiplicidades, as diversidades de elementos que formam o Nordeste.

Do exposto, é possível apreender que as construções audiovisuais perpetuam objetos simbólicos carregados de “falsas verdades”, muitas vezes fortalecendo a imagem

descontextualizada sobre o outro. Isso repercute na limitação da visão sobre as regiões, sobre as culturas e sobre as identidades de um povo – que não são fixas nem naturalmente impostas por fatores geográficos – de tal maneira que a sociedade incorpora como absoluta.

Dada a função da escola – entidade revestida da qualidade de disseminadora do conhecimento em sua completude – deve-se buscar integrar metodologias de aprendizagem que incentivem o olhar crítico dos cidadãos. Para tanto, é imprescindível que se aproprie do que está posto, das ferramentas de propagação de informações (em que os produtos audiovisuais se inserem) como meios de inserir em sala de aula discussões temáticas que visem ao ensino integrador dos sujeitos na sociedade.

Como proposta de suprimento das lacunas do campo audiovisual nas (re)apresentações do Nordeste, a escola tem papel fundamental para a apresentação das pluralidades identitária e cultural existentes na região nordestina. Levar o ensino prático a partir de análises críticas desses produtos oportuniza o contrassenso, o contraditório e o estudo dos paradoxos sociais, tão importantes para a formação dos sujeitos.

Apesar da fixação de ideologias sociais comprometidas pela força das narrativas apresentadas nos veículos audiovisuais, a ressignificação imagética dos verdadeiros Nordeste (plural) pode ser almejada com a contrapartida da escola. A cristalização de fenômenos e significados construídos sobre o verdadeiro *ethos* dos sujeitos nordestinos convive com desafios que devem ser enfrentados para se buscar a inserção de novos olhares sobre “o outro”.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

BELCHIOR, Antônio Carlos. **Conheço o meu lugar**. Era uma vez um homem e o seu tempo. WEA, 1979.

BHABHA, H.K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Cultrix, 1973.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. *In*: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 387-404.

HOUAISS, Antônio; VILLA, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

QUEIROZ, André (org.). **Arte e pensamento: a reinvenção do Nordeste**. Fortaleza: Serviço Social do Comércio, 2012.

LOUREIRO, Robson. **Da teoria crítica de adorno ao cinema crítico de Kluge: educação, história e estética**. Tese de Doutorado. Florianópolis, UFSC, 2006.

MARTINELLO, André Souza. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 5, n. 1, jul-dez., 2011.

OSTERMANN, Nilse Wink. **Filmes contam história**. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 2006.